

**O JARGÃO EVANGÉLICO:
ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS
DAS EXPRESSÕES DO CRISTÃO CONTEMPORÂNEO
– IDENTIFICANDO AS COMUNIDADES FALANTES**

Wagner Pavarine Assen (UEMS)

wagner.assen@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Das miscelâneas doutrinárias, interpretativas e diversas congregações crescentes por todo Brasil, nasce, como produto disso, peculiaridades linguísticas que se podem identificar com uma língua particular e totalmente nova. O “crente” contemporâneo já tem seu vocabulário particular que o identifica, e que, assim como o “boom” evangélico também explode nas mais diversas manifestações linguísticas. Na tentativa de se traçar um parâmetro de perspectiva histórica da língua e de relações inerentes entre doutrina, adeptos e comunidade, no intuito de não só identificar seus usos e frequências, mas o papel que as gírias e jargões dos cristãos atuais exercem sobre a sociedade, este trabalho tem o objetivo de estudar tais premissas. O uso de gírias e jargões e até de interjeições de saudação identifica comunidades ao longo dos anos, não diferente disso os cristãos se apropriam de uma linguagem hermética que também os identifica como “irmãos”, por exemplo. Com base nos pressupostos sociolinguísticos em congruência com o percurso histórico doutrinário das comunidades cristãs estudadas, analisa-se o protestantismo no Brasil de modo que se percebam usos e costumes de fala, considerando que cristãos sejam, segundo IBGE, a vertente religiosa que mais cresceu nos últimos anos e ainda continua a crescer. Sendo assim, concatenando ao estudo pressupostos históricos sociais da linguagem feitos por Peter Burke (1997) este artigo intenta identificar, inspecionar e analisar a fala do cristão atual frente ao que se vive na comunidade protestante brasileira.

Palavras-chave: Linguística. Sociolinguística. Jargão. Discurso religioso. Evangélicos.

1. Introdução

Verificando a necessidade, a priori, de entender como se deu a chegada das vertentes protestantes no Brasil, desde a época do Brasil colônia e como estas se evoluíram até os dias de hoje. Considerando também a teoria da variação linguística estudada por Labov, (1972) tentar-se-á desenvolver paralelos pertinentes entre língua, no caso os jargões, e sociedade. Nesta relação, defendida nos primórdios dos estudos sociolinguísticos, entre língua e sociedade ponderou Calvet (2002) que a língua muda inerentemente às mudanças sociais diversas, sendo assim La-

bov aprimorou tais estudos em congruência com a sociologia. Posteriormente a isso William Bright afirmou, em conferência 1963, que “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às referências sociais sistemáticas”. (BRIGHT, 1966 *apud* CALVET, 2002, p. 29)

Quanto às bases da sociolinguística, temos o quesito heterogeneidade linguística, que afirma que a língua é, em suma, flexível e em constante transformação, sofrendo mudanças, o que contraria as ideias saussurianas que se prendeu aos pressupostos internos da linguagem desconsiderando o contexto social em que a língua se insere.

Em relação a variação linguística parte do pressuposto de análise das formas distintas de se dizer a mesma coisa, variando os sentidos ou a pronúncia, ou palavras que desempenham as mesmas funções semânticas porém grafadas de maneira distinta, concatenados a isso fatores externos, geográfico/ sociais que influenciam tais mudanças. Como exemplo pode-se citar as diferenças do falar dentro do Brasil, os diversos “portugueses” falados de norte a sul.

Sobre tudo se tratando de jargões, gírias e interjeições faladas pelos cristãos evangélicos (protestantes) no Brasil analisaremos essas mudanças como produtos de suas doutrinas, em evolução temporal, demarcando seu grupo de fala e o modo como falam.

Como estudo introdutório demarcaremos as denominações estudadas, definindo de antemão suas diferenças bíblicas interpretativas e como produto disso suas diferenças doutrinárias.

Sobretudo temos o surgimento do *evangeliquês*. Uma fala particular aos crentes contemporâneos que marcam e externam sua fé por meio de seu discurso. Chamando de “irmãos” uns aos outros e saudando, na maioria, das vezes com um “a paz do Senhor”, os crentes expressam sua fé e “separação” (santificação) de diversas formas, desde as vestimentas, lugares que frequentam ou não e principalmente o modo de falar, seja ele por exclusão de termos e apropriação de outros.

Muito provavelmente já se ouviu por aí frases como “*mas fulano é do mundo*”, “*vigia, crente*”, “*varão esta na prova*”, “*a varoa é mulher de Deus*” e outras centenas de frases que caracterizam este grupo de falantes. Os cristãos evangélicos são pertencentes a vertente religiosa que mais se difunde no Brasil, e que segundo estatísticas ainda crescerão muito mais.

A considerar o declínio de fiéis da igreja católica e sua migração as igrejas evangélicas, os avanços midiáticos e vertentes piramidais neopentecostais de agregação de adeptos como os G12 e M12, implantaram métodos estratégicos administrativos, as chamadas células, de buscarem seguidores e multiplicação. Nascido através do colombiano Cesar Castellanos, o G-12, visa um crescimento da “igreja” em células, onde cada líder ou pastor lidera outros doze, e sucessivamente cada doze lidera mais doze. Processo administrativo que quantitativamente tem de muito “certo” se não fosse pelas premissas heréticas e refutações bíblicas que as desaprovam. Ainda sim temos as denominações adeptas da *teologia da prosperidade*, oriundas dos Estados Unidos, que visam o acúmulo de bens e a satisfação financeira dos fiéis dizimistas, que respondendo a necessidade dos brasileiros ávidos por tais soluções monetárias lotam os templos para barganharem o pouco que têm em troca de mais.

Neste cenário gospel, até então, esfacelado pela deturpação bíblica apostólica, principalmente, esse método de comunicação tem papel fundamental para a propagação desta retórica falaciosa os líderes tem o poder de perpetuar o engano que, discrepante das escrituras sacras visam as grandes multidões por motivos dos mais diversos, dinheiro fama etc. Temos nos últimos 20 ou 30 anos um crescimento do movimento evangélico grandioso. E sim, para marcarem sua crença, ideologia ou filosofia, hermeticamente cria-se a todo instante, palavras que refletem seus princípios, nasce o *evangeliquês*.

Como definição de comunidade de fala Labov salienta:

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo/contrato no uso de elementos de língua, mas pela participação em um jogo de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de modelos abstratos dos padrões da variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso. (LABOV. 1972, p. 120-121)

Nota-se que os evangélicos compartilham não só da crença no cristianismo, mas que isso produz costumes comuns, ideais de vida, convívio e uma série de fatores que os aproximam pela fraternidade da trindade considerando uns aos outros como irmãos. A língua particular destes desempenha papel essencial tanto na propagação destes ideais comuns, quanto na produção da comunicabilidade em si. Muitas vezes os termos como “*mistérios de Deus*” tem uma carga semântica compreensiva somente para os adeptos da fé cristã.

Em congruência com as premissas elaboradas por Burke, verifica-

se que cada grupo pequeno ou grande, de bandidos ou ladrões, médicos ou profissionais de diversas áreas, ocultistas, empresários ou jovens, oriundos de becos ou de mansões, adequam, adaptam, excluem ou se apropriam de palavras, transformam ou deixam de usar, resgatam e mudam seu significado para se fazer entender, comunicar seja qual for o motivo, rapidez da fala, camuflagem, polidez ou oposição aos padrões.

Das definições de jargão, aplicamos os pressupostos históricos sociais da linguagem estudados por Peter Burke, sendo “uma antilinguagem de uma contracultura”. Termo usado para se referir à fala inteligível (BURKE, 1997, p. 8). Inteligível não para os fiéis, mas hermética.

Uma ressalva importantíssima é esclarecer o caráter não generalizador da crítica ácida, quanto à comunidade de fala, mas lembrar de que muitas vertentes e doutrinas ainda zelam pela ortodoxia bíblica, também ressaltar que o presente estudo se objetiva em análise sociolinguísticas das falas dessas comunidades, sendo assim possíveis percepções do contexto histórico social das igrejas, e não teológica plena.

2. *As comunidades estudadas e seus respectivos trajetos históricos*

Três são as comunidades a serem estudadas, Igreja Batista, Igreja Presbiteriana e as denominações pentecostais (ou neopentecostais). A priori contextualizaremos as três doutrinas hoje dando um breve parecer de seu trajeto histórico no Brasil. Postularemos, após isso, alguns jargões das igrejas pentecostais. A julgar que hoje essas três denominações, estatisticamente, são as mais numerosas e com fiéis que mesmo que migrem de uma denominação para outra, ainda assim permanecem nessas três. A Assembleia de Deus seria precursora da vertente neopentecostal no Brasil.

Organizado por Lutero na Europa, no século XVI, que percebeu o distanciamento entre a ortodoxia bíblica e as práticas da igreja. Escrevendo assim as “Noventa e cinco teses” na porta da igreja do Castelo.

Em 1529, durante a campanha da Reforma Luterana, uma Dieta de Espira (sessão da Dieta do Sacro Império Romano Germânico, quando este se reunia na cidade de Espira, na Alemanha) determinou que nenhuma mudança religiosa seria realizada na Alemanha até a reunião de um concílio geral. Em virtude disso, tanto católicos como luteranos ficariam nas posições até então assumidas. Tal decreto provocou o protesto de 14 cidades imperiais e 6 príncipes em 1527. Daí a nomenclatura “protestantes”, que só começou a ser usada como substantivo no século XVII, onde passou a designar todos os cristãos reformados que se opõem a Roma. Os reformados do século XVI se autodenominavam “evangélicos” e, atualmente, as igrejas que se identificam com o ideal re-

formista preferem se autodenominar da mesma forma (BETTENCOURT, 2000).

O cristianismo protestante, então, originou o que denominamos evangélicos, ou mais popularmente chamados de “crentes”. Uma classe, uma comunidade que além de cristã, é uma comunidade de fala. Inseridos no Brasil pelos movimentos migratórios do século XIX e pela propagação missionária também no início deste século. Os primeiros a fundarem suas igrejas foram os alemães com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana, pouco tempo depois os norte-americanos fundando no Rio de Janeiro, com a Igreja Congregacional do Brasil, e em seguida a Igreja Presbiteriana. Produto da abertura política religiosa feita por D. Pedro II, muitas igrejas migraram de seus países para se instalarem e propagarem o evangelho.

A igreja Presbiteriana Independente, totalmente nacional, surge em 1903, com Eduardo Carlos Pereira. Já a convenção Batista Brasileira se organizou em 1907 na Primeira Igreja Batista da Bahia, em Salvador. Ambas passaram por mudanças e convenções de suma relevância para seu estabelecimento no Brasil, se dividiram e se aproximaram, e através de seus conselhos elaboram suas respectivas doutrinas usos e costumes.

As igrejas pentecostais e neopentecostais se basearam em quatro grandes denominações que “fundaram” tal viés de evangelho nacional. A primeira foi a Congregação Cristã no Brasil, fundada por Luigi Francescon, que ao migrar da Igreja Presbiteriana Italiana adere ao pentecostalismo e visita o Brasil em 1910 iniciando as primeiras igrejas no Paraná e em São Paulo.

Os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, antes batistas, se inserem em neopentecostalismo chegam a Belém do Pará em 1910, onde fundam suas primeiras igrejas que posteriormente chamariam de *Assembleia de Deus*.

Posteriormente a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo foi fundada por Manoel de Mello, antes da Assembleia de Deus, após campanha de evangelismo as “cruzadas” denominadas “O Brasil para Cristo”. Já no final da década de 1970, inaugura um grande templo em São Paulo.

Surge também a Igreja Deus é Amor, com fundação de Davi Miranda na vila Maria, onde se localiza a sede mundial na Baixada do Glicério.

A Igreja Universal do Reino de Deus fundada pelo bispo Edir Macedo. De criação católica, migrou para a Igreja Nova Vida quando jovem, de onde saiu para fundar sua própria, em 1977, de nome Igreja da Benção, no Rio de Janeiro. Inaugura o primeiro programa de rádio. Vai aos Estados Unidos onde reside por algum tempo, em seu regresso transfere sua igreja para São Paulo e adquire a Rede Record de Televisão.

Não consideraremos aqui as igrejas atuais oriundas destas anteriormente citadas, porém grande parte delas originaram denominações com princípios ideológicos parecidos.

3. *Os neopentecostais inovando o evangeliquês: alguns jargões*

O movimento neopentecostal teve crescimento significativo na década de 1970, originadas das denominações que nos idos de 1910 vieram dos Estados Unidos, teve nessa mescla cultural, ideológica e principalmente visões particulares de cada líder ponto crucial para a formação de novas igrejas como as citadas a seguir. Sendo assim, mesmo havendo uma mesma crença, o cristianismo, um mesmo livro central a Bíblia, o discurso dos pregadores muda, pois também mudou o modo como entendem as escrituras.

As principais igrejas neopentecostais, fundadas por pastores brasileiros, são a Universal do Reino de Deus, a Internacional da Graça de Deus, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e a Igreja Renascer em Cristo. Elas têm como principal característica a ênfase entre a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra e a pregação da Teologia da Prosperidade, que afirma que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos (MARIANO, 2004).

Pode-se afirmar que o neopentecostalismo é a vertente pentecostal que mais cresce atualmente e a que ocupa maior espaço na televisão brasileira, tendo esta nova versão do pentecostalismo iniciado com a Igreja Universal do Reino de Deus. As igrejas neopentecostais do Brasil baseiam seus cultos na oferta especializada de serviços mágico-religiosos, de cunho terapêutico e taumatúrgico, centrados em promessas de concessão divina de prosperidade material, cura física e emocional e de resolução de problemas familiares, afetivos, amorosos e de sociabilidade, o que condiz com as expectativas de quem crê na possibilidade de alcançar benefícios nesta vida através de instituições que “intermediam” forças sobrenaturais. Estas igrejas, por vezes, utilizam estratégias que atraem e convertem para si, em maior parte, as camadas mais pobres da sociedade, muitos deles carentes e em crise pessoal, geralmente mais vulneráveis a

esse tipo de abordagem. (RABUSKE, 2012, p. 264)

A título de registro, veremos alguns jargões que causam estranhamento às pessoas que não fazem parte das comunidades de fala. Os jargões dos “crentes” têm função comunicativa das mais diversas. Por exemplo, os diversos nomes de satanás que os cristãos criam de maneira eufêmica para não falar o nome do “adversário”. Como um tabu linguístico que não pode ser dito tal como nome de doenças, sexo com a carga semântica parecida a dos “palavrões”. Os cristãos evangélicos têm como base do pensamento a bíblia, cuja escrita data de mais de três mil anos. Adequar à fala que demonstre a crença, pois é necessário externar a diferença entre os cristãos e os do “mundo”.

Temos o primeiro exemplo: > *os do mundo*. Com uma carga semântica similar ao “ímpio”, significa o não crente, aquele ainda não é convertido ao “evangelho”, cujas praticas não condizem com as do “salvos”. Dizer que é *salvo* significa socialmente aquele que já é crente, e *crente* significa ser *salvo*. Uma das praticas do evangélico é a oração, e perante a sociedade em geral que professam outra religião falar que “*ora*” ou falar “oração” é remeter o pensamento aos evangélicos. O vocábulo *mundo*, também é utilizado:

- *música do mundo*
- *roupa do mundo*
- *amizades do mundo*
- *cultura do mundo*
- *ou sintético: mundana ou mundano*. Valido também para comentários pejorativos no meio de uma conversa entre evangélicos: sentença > *este comentário foi mundano*.

A saudação comum dos evangélicos também varia de igreja para igreja, demarcando pela escolha léxica a religião, permeando os diálogos. Por exemplo, a igreja Congregação Cristã do Brasil saúdam uns aos outros com “*a paz de Deus*”. Já os evangélicos das denominações celulares no modelo dos 12, como Sara Nossa Terra ou o MIR Ministério Internacional da Renovação saúdam com a palavra hebraica *Shalom*, que significa a “*paz*”, com variações do tipo “*Shalom Adonai*” que significa “*a paz do senhor*”. Outra saudação comum entre os pentecostais mais tradicionais é “*graça e paz*”, usado em saudações no púlpito e introdutórias de diálogos.

A interjeição “*misericórdia*” pode ser usada com o mesmo valor bíblico, que se relaciona a perdão e esperança divina, quando introduzidos coloquialmente seu valor passa a ser de espanto ou susto, algum acidente ou uma situação de pêsames.

Exemplo: “– *Fulano se acidentou*”. – “resp.: *Misericórdia!*”

4. Considerações finais

Visamos o registro dessas expressões, porque tudo que é vigente na fala hoje pode não estar em uso amanhã, considerando o avanço dos movimentos evangélicos no Brasil. As escolhas léxicas, o uso dos jargões, faz a fala dos crentes algo pertencente exclusivamente a eles, tais estudos não se findam aqui, muito pelo contrário. Posteriormente serão aplicados de modo mais aprofundado a possíveis aportes teórico-metodológicos sociolinguísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, B. *Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002.

CAMPOS, L. S. Protestantismo histórico e pentecostalismo no Brasil: aproximações e conflitos. In: GUTIERREZ, B.; CAMPOS, L. S. (Eds.). *Na força do espírito: o pentecostalismo na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Associação Literária Pendão Real, 1996, p. 105.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>.

_____. Censo 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>>.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.